

Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos (11)

O Ilhéu de Câmara de Lobos

1 - A radiografia de um problema social

Segundo o prof. José Hermano Saraiva, numa conferência que fez, por ocasião da I Semana da Pedra realizada em Câmara de Lobos entre 10 e 19 de Outubro de 1997, primitivamente este rochedo estaria isolado relativamente à terra e totalmente rodeado pelo oceano derivando daí a sua denominação de Ilhéu. Contudo, posteriormente, em consequência da queda de terrenos ter-se-ia então estabelecido a ligação hoje existente.

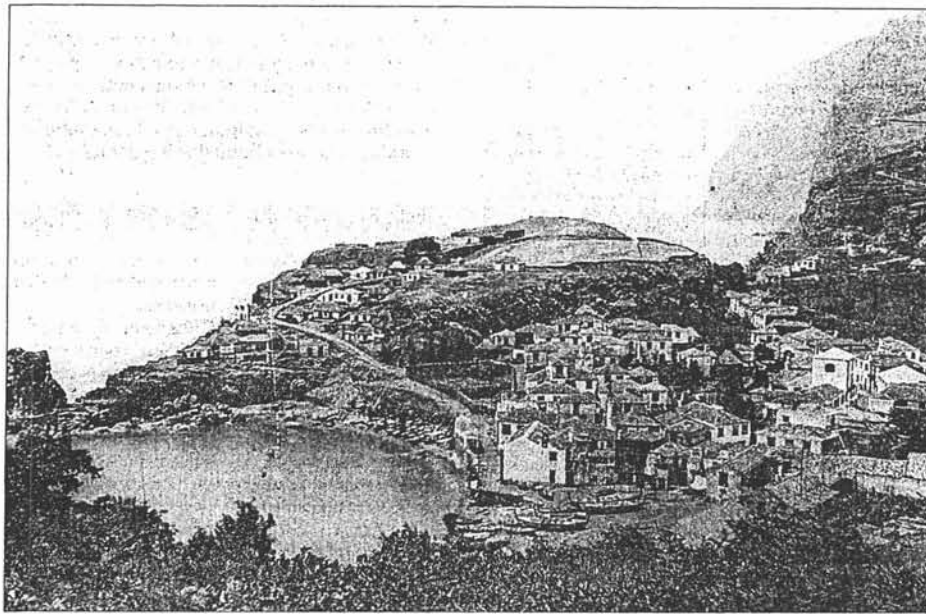
Para Hermano Saraiva, o Ilhéu de Câmara de Lobos teria sido também o local da primeira residência de João Gonçalves Zarco. A corroborar esta opinião aponta, por um lado o facto do navegador assinar como João Gonçalves de Câmara de Lobos e não do Funchal ou de outro sítio, o que é indicador de que seria ou residiria, melhor dizendo, em Câmara de Lobos e depois porque o Ilhéu dar-lhe-ia maior segurança contra eventuais ataques de animais selvagens.

A propósito desta morada de Zarco e pese o facto dela ser contestada, é curioso que na história da toponímica camaralobense encontramos a denominação de Vila Zargo. Com efeito, por deliberação camarária de 28 de Agosto de 1890 é dado ao antigo *Bairro Alto* a denominação de *Vila Zargo*. Infelizmente hoje não se sabe onde se situava esta *Vila*, uma vez que nenhuma destas denominações chegou aos nossos dias, nem na deliberação em causa se encontram justificadas as motivações que levaram a esta alteração e por isso também a dificuldade em relacioná-la ou não com a opinião veiculada por José Hermano Saraiva.

O forte de São Sebastião

Em tempos esteve instalado no Ilhéu um forte, denominado do Ilhéu ou de São Sebastião. Segundo Rui Carita, em 1724 este forte possuía três peças de artilharia de ferro montadas, de calibre de duas libras até quatro e um

O Ilhéu de Câmara de Lobos, ou simplesmente Ilhéu, como é mais conhecido, situa-se na cidade de Câmara de Lobos. É um rochedo sobranceiro ao mar, apresentando-se no seu aspecto global como uma pequena ilha, ainda que só a sul e sudeste seja ladeada pelo mar. É o local onde tradicionalmente vive a classe piscatória camaralobense.



Câmara de Lobos com seu Ilhéu no último quartel do séc. XIX (Photographia-Museu Vicentes)

pedreiro de ferro com seu cavalete (lançava então balas de pedra). Contudo nos inícios do século XIX encontrava-se votado ao abandono. Em 1916 o Diário da Madeira, na sua edição de 19 de Janeiro dizia que ali ainda existia uma antiga fortaleza *esburacada e carcomida pelo tempo*. Este prédio militar que possuía o número 39 é contido a partir de 1937 alvo de negociações com vista à sua cedência à Câmara Municipal de Câmara de Lobos, por parte do Ministério das Finanças, por serem os terrenos necessários para a construção do bairro dos pescadores no Ilhéu. Depois de diversos contactos, na sessão camarária de 4 de Julho de 1940 é presente um ofício da Secção de Finanças do Concelho de Câmara de Lobos informando que superiormente havia sido fixado em três mil escudos a compensação a pagar pela Câmara Municipal de Câmara de Lobos pela sua cedência a título precário, tendo-se realizado o respectivo auto de cessão,

muito provavelmente, a 12 de Abril de 1941.

Radiografia de um problema social

Ainda que hoje não seja possível fazer paralelismo com as situações que se verificavam no século passado e na primeira metade deste, não podemos deixar de, nesta abordagem sobre

o Ilhéu de Câmara de Lobos, mergulhar um pouco na forma como viviam os seus habitantes.

Com efeito, o conhecimento da forma e regras que pautavam a sua existência permite-nos não só compreender alguns dos problemas que afligem, ainda hoje, a população piscatória ou dela oriunda,

como também termos uma ideia de alguns aspectos de uma cultura, que apesar de se assemelhar com a de outras comunidades piscatórias, tem todavia características próprias.

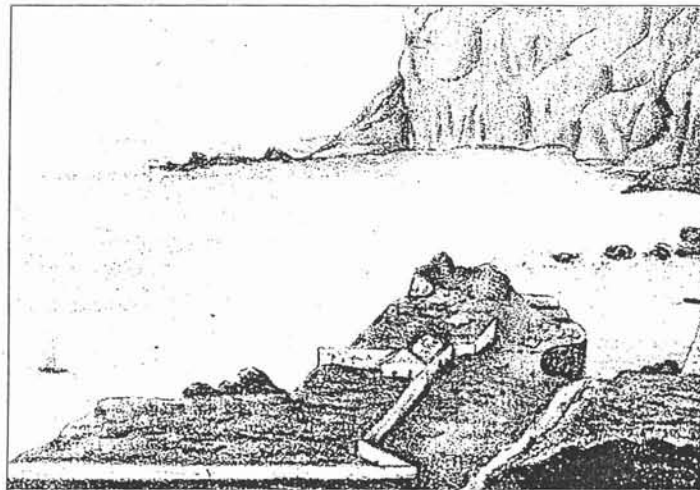
Em 1865 o geólogo e explorador Moritz Alphons Stübel publicou na revista alemã *Globus* um artigo intitulado "Cabo Girão e

Câmara de Lobos na Madeira", onde a propósito do Ilhéu diz que *a parte mais indigente da população ou vive em cabanas pobres num pequeno planalto, próximo ao mar, ou preferiu até cavar apenas cavernas no tufo mole afim de as habitar. A impressão que se leva dali é triste. Crianças nuas, mulheres mandrionas agachadas, porcos, cães e galinhas, que procurando custosamente comida, são incomodadas frequentemente por frequentes pedradas. Sobre Câmara de Lobos diz que as ruas são estreitas e sujas e as crianças pobremente ou não vestidas de todo cercam o forasteiro pedindo dinheiro.*

A 18 de Dezembro de 1904, o *Heraldo da Madeira* num artigo que publica sobre Câmara de Lobos, diz a propósito do Ilhéu que os pescadores viviam em *paupérrimas habitações, algumas delas ensossas, onde tudo cheirá a ranço e peixe e garotinhos de tez tsnada, em pelote ou semi-nus preparam à frecha do sol o engodo nauseabundo com que o pai bade iscar a rede ou o anzol. É de facto curioso: respeitado foi este ilhéu pela epidemia de cólera morbos (de 1856) cujos micróbios se não atreveram em entrar em luta aberta com tamanha imundice. Com efeito, apesar de ser significativo o número de vítimas mortais registado, na freguesia de Câmara de Lobos, ao que parece, nenhum caso se verificou no Ilhéu.*

Pior sorte tiveram contudo os seus habitantes na epidemia colérica de 1910, pois casas houve em que morreram todos os seus ocupantes.

Em 1932, na sua edição de 29 de Março, o jornal *O Povo* sobre uma visita ao Ilhéu refere: *O espectáculo arrepiante. Imundice e miséria: Vive-se ali na promiscuidade do porco e da galinha (...). O interior dos casebres apavora. Nunca são lavados nem varridos. As galinhas fazem parte da família, ali vivem e ali medram, e por vezes rondando sorateiras em volta dos berços, vão depenicar*



Pormenor do forte de São Sebastião em 1823

na cabeça da criança adormecida, os parasitas e o casco das pústulas.

Em 1933, na sua edição de 11 de Outubro, a propósito de uma visita efectuada ao Ilhéu refere que por toda a parte existe pobreza, mas ali, a miséria assume aspectos trágicos (...). Algumas das habitações seriam incapazes de servir para pocilgas e têm três, quatro ou cinco inquilinos (...).

As ruas são estreitas e vêm-se ocupadas por dezenas de mulheres que bordam sem cessar, na ânsia de ganharem mais alguns centavos, com que mantêm, hipoteticamente a fome da família. Olhamos para as casas desta gente. Todas denunciam privações, sofrimento, tuberculose. Há crianças com cabeças disformes e olhos dos loucos. Outras têm crânio pustulento, olhos vermelhos, os cantos da boca com chagas e os joelhos com monstruosos nós no meio das pernas delgadas de esqueletos.

Em 1920, num artigo publicado no Diário de Notícias de 23 de Março, o Dr. Eduardo Antonino Pestana, profundo conhecedor dos hábitos da população, ou não fosse ele camaralobense, referia a propósito do Ilhéu que a sua população é maior do que a de qualquer das muitas freguesias desta ilha. Ali grassa a prostituição atterradoramente: é sabido que há muitas mães que vendem a honra de suas filhas, crianças ainda por uma garrafa de aguardente (...). A promiscuidade chega ao ponto de, num mesmo quarto, sem a mais ligeira separação dormirem dois e três casais.

São antros infectos onde nunca entrou o ar, nem água, nem luz, nem a religião, nem a inteligência compadecida de quem queira bem fazer. Afóra dos seus moradores só entram lá dentro, nas madrugadas frias, os viciosos da vida que vão ocupar o lugar dos miseráveis pescadores que, a essa hora de infortúnio máximo, vão jogar a sua vida ao acaso das marés, no ecalço dum ganho precário que eles mesmos diluem no líquido venenoso que os embebeda, durante dois ou três dias seguidos (...).

(...) De quando em quando há um ou outro que se lembra de morrer e legar aos pobres desta miserável freguesia umas cente-

nas de escudos ou mesmo alguns milhares. Subtraindo o que a poeira dá estrada some e nunca mais ninguém vê, aquela gente vai receber o seu quinhão; uns mais, outros menos, no meio de uma algazarra e uma briga degradantes que só encontram smile nessa cena tão poética e bem mais simpática de quando (...) jogámos uma mão cheia de grão às pombas do nosso pombal:

O dinheiro distribui-se. E a miséria cavou mais um degrau: as vendas despejaram mais um stock de aguardente; mas a honra, a fome e a nudez continuam de todo desprotegidas!

Outros mais prevenidos, especificam os seus legados em coisas úteis: em comer e em rouparamentos.

O quinhão é recebido com a mesma sofreguidão: mas a honra, a fome e a nudez continuam a ser desprotegidas pela mesma ausência de bem e de socorro. Os comestíveis foram devorados desordenadamente e as roupas foram trocadas, a um câmbio de usura pelo mesmo veneno líquido que vem desvirilizando as gerações desta ilha, pagando um tributo assustador aos asilos e aos manicómios (...).

O diagnóstico do problema

Apesar de largamente conhecida pelas entidades governativas e da sua denúncia pública quer na imprensa regional, quer mesmo na imprensa estrangeira, o combate à pobreza foi ao longo dos tempos sistematicamente adiada. Em vez de medidas de fundo, fomentou-se durante anos e anos o culto pela caridade, culto esse que obteve resposta favorável tanto por parte da sociedade de então, que de vez em quando organizava uns



Pormento de uma casa do Ilhéu em 1942 (Photographia-Museu Vicentes)

bazares de caridade, etc., como por parte da população carente. Com efeito, se já havia uma certa propensão cultural, própria ao que parece de algumas comunidades de pescadores para aceitarem esse culto, muito provavelmente enraizada à custa não só dos fracos proventos do seu trabalho, mas também dos frequentes naufrágios e desgraças, estas iniciativas de solidariedade pela sua frequência, acabariam por se tornar parte integrante da sua vida e criar condições favoráveis a atitudes de dependência caritativa, não só quando assolados por situações adversas como no seu dia a dia. Para além de outros aspectos, assim se compreende a atitude da *pedincha* que é característica desta população, e que não se verifica em mais nenhuma outra zona da Madeira, apesar de existirem bolsas de pobreza talvez mais graves noutros locais.

A propósito da mendicância, o Padre João Joaquim de Carvalho em 1933

alertava para os seus perigos morais. Dizia ele que embora houvesse gente que dava esmola com espírito de caridade, outros havia que o faziam com intuídos miseráveis. Tal como em 1933 esse perigo de aliciamento sexual de menores, continua hoje a encontrar um terreno favorável junto das crianças que pedem, seja com caixinhas ou com postais.

Voltando um pouco atrás ao artigo já citado de Eduardo Antonino Pestana e publicado em 1920, importante será dizer que ele foi escrito numa ocasião particularmente difícil para a população piscatória camaralobense, uma vez que na sequência de um temporal, mais um naufrágio de pescadores havia ocorrido e, como de costume se iniciara uma campanha de angariação de donativos para as suas vítimas. Contudo, mesmo correndo o risco de ser mal entendido, não deixou, numa análise profunda da situação, de exprimir a sua opinião relativamente à

forma como, de uma vez por todas deveria ser resolvido o problema da miséria em Câmara de Lobos.

A propósito da subscrição que se estava a fazer e que, ao que parece estava a encontrar grande eco junto da população citadina, Eduardo Antonino Pestana neste seu artigo escreve: *É visível que as vítimas do temporal se concentram naquela desgraçada povoação marítima, hoje enlutada pelo desaparecimento de algumas dezenas dos seus mais destemidos marinheiros.*

Porque não se aproveitará a felicidade, o êxito da subscrição para fazer-se em sua memória, como perpetuação do nome querido dos mortos, uma obra de caridade, grande e perdurável: um asilo-escola ou uma escola-oficina [...].

Só uma campanha de saneamento moral e cívico pode iniciar com êxito a transformação do estado de selvagemismo e barbari em que se encontra e vive parte da população camaralobense. [...] Nas condições presentes, essa campanha de saneamento teria a mais inteligente concretização na criação de uma escola-oficina ou de uma escola asilo, destinadas: a primeira a tornar capazes para a vida e úteis para a sociedade uma multidão masculina que cresce e se desenvolve no meio hiper-vicioso em que nasceu; a segunda, a vales às crianças vítimas das numerosos camadas do alcoolismo da sua numerosa ascendência, que são uma percentagem de 70% no total da população infantil (...).

A célula seminal duma

regeneração social é a salvação da infância: é a árdua obra da educação das inteligências, dos corações e dos braços (...).

A escola só, onde a par das 25 letras do alfabeto, se ensinasse a obedecer e a trabalhar, a reconhecer todos os princípios da hierarquia social e a contrair hábitos de sacrifício e de esforço, só essa escola poderá ser a primeira base de uma reedificação social.

Tudo o mais é edificar sobre a areia, é construir sem ter encontrado os alicerces.

Antonino Pestana, consciente de que a suas ideias não iriam ser partilhadas por quem estava dirigindo a aplicação da subscrição, ainda lança para o ar, sem sucesso, a hipótese dos donativos dados poderem ser utilizados na construção de um pequeno bairro embrionário, onde os familiares das vítimas tivessem um cubículo certo onde pudessem passar os restantes dias da sua desconsolação e amargura, apesar de considerar que comparado com a necessidade da educação, a construção desse bairro fosse secundária.

O diagnóstico e a proposta terapêutica do problema social do Ilhéu de Câmara de Lobos estava, em termos gerais, feita. **Era preciso construir um novo edifício cultural.**

Contudo só depois de cerca de 46 anos, em 1966/67 é que se tomam nesse sentido medidas com alguma profundidade, não só através do Programa de Promoção Social Comunitária, infelizmente interrompido logo no início da década de 70, como também de um abortado projecto, onde se procurava simultaneamente implementar o turismo no Ilhéu e Espírito Santo e Calçada Sul e promover a resolução de toda a problemática social.

Em 1990 surge um novo programa de luta contra a pobreza, denominado de "A Caminho do Futuro", mas que apesar da boa vontade e dos montantes financeiros envolvidos, se revelou insuficiente para resolver toda a complexa problemática, que envolve a população piscatória de Câmara de Lobos. ■

Manuel Pedro Freitas

No dia de 22 de Fevereiro: **Ilhéu de Câmara de Lobos** - Iniciativas idealizadas no combate aos problemas sociais.



Encosta do Ilhéu, junto à rua nova da Praia